



## Saindo do armário – Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade

Ana Margarida Ramos  
Universidade de Aveiro

**PALAVRAS-CHAVE:** LITERATURA PARA A INFÂNCIA; HOMOSSEXUALIDADE; ÁLBUM NARRATIVO ILUSTRADO; INCLUSÃO; DIFERENÇA; FAMÍLIA  
**KEYWORDS:** CHILDREN'S LITERATURE; HOMOSEXUALITY; PICTURE STORY BOOK; INCLUSION; DIFFERENCE; FAMILY

A produção literária contemporânea preferencialmente destinada a crianças e jovens tem sido caracterizada como abrangente e inclusiva, tendo em conta as temáticas trabalhadas e os géneros e formas que a estruturam. Em estreita ligação com a evolução da sociedade, nas últimas décadas, os textos literários escritos a pensar nos mais pequenos reflectem, como às vezes não acontece no universo literário canónico, as alterações verificadas na forma de pensar e de estar das pessoas, na relação que estabelecem com os outros e com a diferença que os caracteriza, dando voz (e às vezes também forma e cor) a preocupações candentes, tanto do ponto de vista social, como cultural e até político. Centrando-se exclusivamente no domínio das obras literárias para a primeira infância<sup>1</sup>, e no álbum narrativo

---

<sup>1</sup> No domínio mais específico da literatura juvenil, o tema tem permitido outro tipo de leituras e de tratamento, ainda que de circulação muitas vezes restrita. Veja-se, a título de curiosidade, a publicação de *Dois Mães*, de Muriel Villanueva Perarnau (Edições Duarte Reis, 2006) que, iniciando-se com o casamento das mães da narradora, autorizado e regulamentado em Espanha, dá conta, numa longa analepse, de todo o percurso do casal e da sua experiência pessoal ao longo de décadas.

em particular, a reflexão aqui apresentada pretende dar conta do crescimento significativo da atenção à vivência da homossexualidade parental, apresentada como uma tipologia familiar estável e uma alternativa legítima que coexiste com o paradigma da família tradicional, numa atitude que pode ser lida enquanto forma de diversificação das referências sociais propostas a crianças muito pequenas. A temática em apreço, situando-se no âmbito dos chamados temas emergentes, onde se incluem questões como a política, a guerra e os conflitos sociais, a multiculturalidade ou mesmo a consciência ecológica, conhece uma atenção particular por parte dos pólos de emissão e receção do fenómeno literário.

Numa análise de álbuns infantis contemporâneos a partir da perspectiva das representações familiares, afectivas, sociais e educativas aí figuradas, Teresa Colomer (2008) defende que, no seguimento do desenvolvimento das sociedades pós-industriais dos anos sessenta, da organização política segundo modelos e sistemas democráticos, a ficção para crianças reflecte essas alterações, na década imediatamente posterior, propondo um contexto social para as intrigas identificável com o «de las clases medias, especialmente el sector perteneciente a las profesiones liberales; las familias de los cuentos pasaron a ser familias urbanas, con el predominio de hijos únicos, y el acceso al bienestar se tradujo en una desvalorización del trabajo productivo en favor del tiempo de ocio» (Colomer, 2008: 91). A valorização da diferença e da individualidade humana no seio de uma rede social cada vez mais complexa ganha protagonismo e visibilidade através de um conjunto de estratégias que a autora também enumera.

Com a globalização que marca a sociedade do século XXI, a notória aceleração do ritmo de vida das pessoas, a profunda dependência de meios tecnológicos e a importância crescente do consumo, os textos para crianças também vão, de forma quase imediata, em consequência da sua situação de fronteira no universo literário, situados maioritariamente na sua periferia, espelhar uma nova realidade social ou, pelo menos, uma consciência das mudanças verificadas: «el contexto continúa siendo urbano y de clases medias profesionales, pero aparecen las nuevas formas familiares – con la generalización del divorcio, el aumento de familias monoparentales, la adopción filial, las parejas homosexuales, etc y ha desaparecido el despreocupado desempeño artístico en favor del consumo del ocio de calidad (asistencia a la ópera, visitas a los museos, lectura, etc.). El actual fenómeno migratorio también empieza a tener un impacto notable en la mezcla étnica y cultural ofrecida por la ficción literaria y plástica» (ibid.: 92). Os álbuns e as narrativas para crianças dão conta, muitas vezes, da instabilidade emocional vivida pelas crianças que se sentem inseguras e sós numa sociedade em constante e rápida mudança, o que leva Teresa Colomer a afirmar

que, actualmente, os livros reflectem «una fase de inseguridad personal y de conciencia de la necesidad preservar el tiempo y el espacio de la infancia en lo que podría calificarse de nuevo tipo de “habitación de los niños”, como el que presidió el nacimiento de la literatura infantil – y del concepto mismo de infancia – en el área anglosajona» (ibid.: 93).

Em outro local<sup>2</sup>, por exemplo, demos já conta de como a temática da guerra, nas suas múltiplas facetas, tem encontrado formas de diálogo com o público infanto-juvenil, permitindo o seu esclarecimento, quando não a catarse, de tensões mais ou menos latentes. A violência e a agressividade, por exemplo, às vezes conotadas com atitudes racistas e xenófobas, também encontraram o seu espaço neste vasto *corpus* textual, promovendo a reflexão, o questionamento e, desejavelmente, a rejeição de comportamentos preconceituosos e estereotipados.

A morte, outro tema considerado tabu, depois de afastado, durante muito tempo, dos textos literários destinados às crianças, tem sido alvo de recriação literária constante e polifacetada. Vejam-se, a comprovar esta ideia, alguns títulos recentes, publicados em Portugal, onde esta questão é alvo de tratamento literário particularmente cuidado, permitindo lidar com situações de perdas afectivas próximas e marcantes, dos quais destaco, os álbuns narrativos *A carícia da borboleta* (Kalandraka, 2008), de Christian Voltz, ou *O beijo da palavrinha* (Caminho, 2008), de Mia Couto e ilustrações de Danuta Wojciechowska. Estes vêm juntar-se a um *corpus* cada vez mais numeroso de obras, onde já se encontram *Querida avó*, de Birte Muller (Ambar, 2004) ou *Um avô inesquecível*, de Bette Westera e ilustrações de Harmen van Straaten (Livros Horizonte, 2005). Destaque-se, finalmente, a edição em Portugal de dois textos que cruzam a morte com episódios históricos associados a conflitos bélicos, respectivamente o Holocausto e a Guerra Colonial Portuguesa, bem patentes em *A História de Erika*, de Ruth Vander Zee e extraordinárias ilustrações de Roberto Innocenti (Kalandraka, 2007) e *Lá longe onde o sol castiga mais – A Guerra Colonial contada aos mais novos*, de Jorge Ribeiro (Calendário, 2008). Marcados pela tensão, resultado dos confrontos descritos, estes livros centram a sua atenção na inventariação das consequências da guerra e da violência, sobretudo quando injustas e injustificáveis, afastando-as da banalização de que são alvo, através da focalização de casos específicos, nomeadamente protagonizados por crianças com as quais os leitores se possam identificar.

---

<sup>2</sup> Confrontar Ramos, 2007.

Mas, apesar da maior ou menor dificuldade com que estes temas são abordados, a verdade é que a sexualidade, e em particular a que é dissonante do paradigma heteronormativo, continua a ser um universo tido quase como intocável, alvo de recriações tão esporádicas quanto distanciadas, pelo menos no que à edição portuguesa diz respeito. A problemática transposição literária de um tema com fundas implicações sociológicas, para além dos atávicos constrangimentos morais e religiosos, explicará o relativo silêncio que sobre ele se tem abatido, sintomático de um desconforto mais geral, sobretudo quando se trata de um diálogo axiológico desigual entre adultos e crianças.

É certo que a aproximação ao tema tem sido gradual e crescente, desde logo em álbuns traduzidos de outras línguas que, sobretudo, propõem explicações em clave mais ou menos metafórica sobre a concepção, o desenvolvimento intra-uterino e o nascimento. Veja-se, por exemplo, o clássico de Fran Manushkin e Ronald Himler, *O Bebê* (2008), só muito recentemente reeditado em Portugal, onde são recriadas as relações interpessoais de uma família nuclear tradicional, através de uma narrativa que parte da recusa do bebé em nascer, habituado que está à vida intra-uterina. A família, contudo, une-se em torno da necessidade de o convencer a nascer, criando-lhe uma imagem positiva da vida. Serão os afectos que ajudarão, de forma definitiva, a trazer o bebé à vida, criando-lhe um ambiente feliz, repleto de manifestações de afecto. As ilustrações, muito simples, a preto e branco, recriam com fidelidade as cenas e as personagens. A excepção é a representação do bebé que é desenhado no interior da mãe em diferentes posições e manifestando vontades e desejos. Claramente original, pela perspectiva da narração centrada no universo infantil ainda no interior do corpo da mãe, o livro é um excelente ponto de partida para o diálogo em família sobre o nascimento.

Também editado em Portugal, *O Mistério do Urso* (2002), de Wolf Erlbruch, é um dos muitos livros premiados do autor alemão. Vencedor, em 1993, do «Prémio alemão da literatura juvenil» em 1993, este álbum narrativo tematiza a questão do nascimento e da reprodução das espécies, questionando e desconstruindo alguns dos mitos a elas associados. Sem apresentar, explicitamente, a explicação sobre o mistério da paternidade que inquietava o urso, a narrativa possibilita o diálogo entre adultos e crianças à volta de um assunto tido como proibido, estimulando leituras multimodas de acordo com a faixa etária e o nível de desenvolvimento das crianças em questão. As ilustrações, que alternam entre as de grandes dimensões e pequenos apontamentos decorativos, não só recriam com verosimilhança o protagonista e todas as suas tentativas para ter um filho, como sublinham o cómico de algumas propostas, recriando simultaneamente o percurso efectuado pela personagem.

Em língua portuguesa, Ana Saldanha e Gémeo Luís editaram a obra *Mais ou Menos Meio Metro* (2007), um álbum de grande formato onde, com recurso ao texto poético sob a forma da adivinha, é construído um curioso álbum sobre a concepção, o desenvolvimento intra-uterino e o nascimento de um bebé, propondo, através do texto e das ilustrações, um desafio aos leitores. O recurso à rima e a presença do refrão «qual é a coisa, qual é ela?», assim como os vocativos constantes endereçados ao leitor, sublinham a dimensão oral de um texto no qual se vão somando pistas que ajudam à descoberta do segredo. As ilustrações de Gémeo Luís, na técnica de recorte que lhe é habitual, vão sugerindo, pelas imagens e fotografias que surgem recortadas, vários elementos relativos ao nascimento e solicitam uma leitura atenta, capaz de olhar a imagem reproduzida e a nova forma que o ilustrador lhe dá.

Também com ilustrações de Gémeo Luís, e ainda mais cedo, em 2004, veio a lume um original volume onde a temática sexual é alvo de especial tratamento. Apesar de ter circulação mais ou menos restrita, *O Que É um Homem Sexual?*, agrupa textos variados de diferentes autores, nem todos literários, procurando funcionar como ponto de partida para as dúvidas e as inquietações dos mais pequenos sobre este universo apresentado como tabu. De forma despreconceituosa, muito franca e aberta, os autores vão passando vários temas em revista, incluindo o da homossexualidade que está presente desde o título. Veja-se como o tema é tratado, tanto do ponto de vista literário, como científico<sup>3</sup>:

Professora, o que é um homem sexual?

Uma pessoa qualquer,  
sem saber como aconteceu,  
ama muito uma pessoa  
do mesmo sexo que o seu.

Se alguém se apaixona  
por outra pessoa diferente

<sup>3</sup> O testemunho que cruza o fragmento poético transcrito é da autoria de Júlio Machado Vaz: «E se levássemos a pergunta do miúdo ao pé da letra?, obviamente, depois de lhe explicar que um homossexual é um homem como os outros!. O sexo de quem nos acolhe o desejo não pode ser tão importante que esconda a verdade acerca de nós. Depois disso ficar claro, poderíamos dizer que o homem sexual não faz sentido por outra razão: trata-se de um pleonasma, todos os homens – e mulheres! – são sexuais. Não por praga ou bênção; por natureza» (*apud* Taborda, 2004: 9).

é heterossexual

e ama muito, igualmente. (Taborda, 2004: 9)

Mas este tipo de abordagens ainda está, de alguma forma, longe da introdução de eixos ideotemáticos mais controversos, muitas vezes socialmente estigmatizados como desviantes ou marginais/marginalizadas. Contudo, também na área da sexualidade, a literatura para a infância e juventude oferece exemplos de alguma ousadia, propondo, por exemplo em livros destinados à primeira infância, uma desmistificação de famílias não convencionais e fazendo alusão, de forma explícita, a casais homossexuais.

Mundialmente conhecida pelos seus álbuns, Babette Cole<sup>4</sup> valoriza o olhar infantil sobre o mundo dos adultos, interrogando-os quanto aos seus comportamentos, atitudes e acções. Num registo que combina humor e pedagogia, sobretudo pelo complemento pictórico que caracteriza as suas ilustrações, a autora percorre toda uma diversidade de temas, alguns marcadamente polémicos. Em *A Mamã nunca me disse!* (2003), assistimos à enumeração, por parte de um narrador infantil, de questões pertinentes, e perigosamente inquietantes, sobre o universo adulto, em particular a sexualidade e a vivência dos afectos, mas também sobre pequenos pormenores do quotidiano dos mais velhos que, pela perspectiva adoptada na sua observação, se tornam subitamente estranhos. De uma forma descomplexada e informal, sobretudo pelo recurso ao humor e a imagens que recriam com subtileza e perspicácia as realidades sugeridas pelo texto, abordam-se alguns temas sérios, estimulando o diálogo em família e o crescimento e amadurecimento de cumplicidades entre pais e filhos. Assim, é possível, de acordo com as propostas da criadora, imaginar o que os pais fazem fechados à chave do seu quarto ou como gozam as saídas nocturnas a dois. A apresentação de casais homossexuais, de ambos os sexos, ainda que suscite dúvidas por parte da criança, é perfeitamente aceite no universo social e familiar contemporâneo que o álbum recria, representando a grande variedade e diversidade de comportamentos, personalidades e realidades aos quais a criança é exposta. Se o texto coloca as questões, é à ilustração que caberá sugerir hipóteses de resposta, deixando margem de manobra para a imaginação dos leitores. Situação semelhante ocorre num outro álbum destinado à primeira infância, da autoria de Todd Parr, intitulado *O Livro da Família* (2006). O autor enumera características de diferentes tipos de famílias, sublinhando aquilo que lhes é

---

<sup>4</sup> Para além deste álbum que aqui destacamos, Babette Cole é igualmente responsável pela criação de vários outros onde, na linguagem e no registo que lhe são habituais, propõe um questionamento de muitos estereótipos, com particular relevo para os centrados no género.

comum, como os afectos por exemplo, e aquilo que as individualiza, tornando-as únicas e especiais. Entre os vários tipos de famílias apresentados, surgem os casais homossexuais, femininos e masculinos, e as famílias monoparentais.

Esta questão da desmistificação de temas tabu, tradicionalmente embaraçosos porque ligados à intimidade, é, talvez, uma das maiores conquistas da moderna produção literária destinada a crianças. A partir do momento em que deixa de haver limites sobre aquilo que é possível escrever, pensando num público infanto-juvenil, temas associados à sexualidade, por exemplo, perdem a intocável solenidade e a conotação de desconforto que até aí os distinguia e passam a, naturalmente, a par de outros, ser objecto de tratamento literário.

A *crossover literature* (Beckett, 2009) é um exemplo, entre outros, dessa elisão de limites, temáticos e genológicos, entre produções artísticas destinadas a públicos aparentemente distintos. Também neste campo, o hibridismo genológico, o questionamento e a problematização de conceitos tidos como universalmente aceites, a fractura dos indivíduos e a decadência da sociedade permitem falar da influência de um certa cosmovisão tributária da pós-modernidade que vai imprimindo as suas marcas nas distintas realizações estéticas.

De acordo com os estudos mais recentes produzidos nesta área, a presença da homossexualidade na produção literária de potencial recepção infantil data da década de 80 do século XX, fruto de uma certa abertura da sociedade anglo-saxónica e do norte da Europa às questões das várias minorias, a que não foram alheios vários movimentos associativos e atitudes reivindicativas mais ou menos ostensivas. Sem tomarem este tema como central ou exclusivo, a verdade é que ao longo de toda esta década e nas imediatamente posteriores, foi sendo dada mais ênfase à recriação literária e ficcional de famílias homossexuais (masculinas e femininas) ou mesmo de jovens com idêntica orientação sexual. A relevância e a pertinência do tema, e a sua edição continuada, para além de ter feito correr muita tinta na imprensa, em resultado de algumas acções intimidatórias contra autores, editores, livreiros e até mesmo bibliotecários e professores, deu já origem, em vários países, a estudos significativos, dos quais destacamos a obra de Michael Cart e Christine Jenkins, *The Heart Has Its Reasons: Young Adult Literature with Gay/Lesbian/Queer Content 1969-2004 (Scarecrow Studies in Young Adult Literature)* (2006), sobretudo centrada na produção juvenil que este estudo não contempla.

Em resultado de várias pesquisas, é ainda possível encontrar selecções bibliográficas comentadas sobre o tema, especialmente vocacionadas para os mediadores de leitura, como é o caso da *Annotated Bibliography of Children's Books With Gay and Lesbian Characters*

*Resources for Early Childhood Educators and Parents*<sup>5</sup> (1999), disponível online, ou selecção de Wendy E. Betts<sup>6</sup>, em constante actualização desde 2005 e organizada por idades recomendadas, intitulada *Rainbow Reading: gay and lesbian characters and themes in children's books*, disponível em *Notes from the Windowsill*, desde 2005. Trata-se, em ambos os casos, de tornar acessível um conjunto de publicações de qualidade, onde a questão da homossexualidade está patente, de múltiplas formas, suscitando a reflexão e o diálogo, e, sobretudo, retratando a sociedade nas suas diversas facetas e realidades.

Em Espanha, desde os meados dos anos 90 que a temática da sexualidade e o seu tratamento em obras de potencial recepção infantil são alvo de atenção e análise por parte da crítica. Em diferentes locais e para públicos também diversos, foram publicados textos, como o de Luisa Mora (1996), de Juan José Lage Fernández (1999) ou de Ana Garalón (2000), que reflectem sobre o tema e sobre a relevância do seu tratamento literário e documental em livros destinados ao público infanto-juvenil, ilustrando a reflexão com alguns títulos relevantes. Especificamente sobre a questão da homossexualidade, veja-se o breve texto de Pérez Iglesias (1997), onde o autor dá conta da exígua presença do tema no universo literário espanhol, destacando, mesmo assim, um ou outro título relevante, assim como o interessante trabalho, desenvolvido em contexto de formação pós-graduada, de Carolina Rossi (s/ data).

No Brasil, para além de, pelo menos, duas teses de doutoramento, a uma das quais não tivemos acesso, são vários os estudos isolados, de enfoque e profundidade diversificados, sobre as representações da Homossexualidade na Literatura para a Infância. De forma avulsa e um pouco ao acaso, vejam-se os seguintes: Silveira (2003), Silva (2006), Silva (2007), Miranda (2007) e Facco (2008).

Analisando, em alguns casos, um *corpus* de textos comuns, os diferentes investigadores sublinham as implicações do contacto de leitores infanto-juvenis com a produção literária de temática homossexual, em contexto escolar e familiar, promovendo uma leitura

<sup>5</sup> <http://www.glsen.org/cgi-bin/iowa/educator/library/record/27.html>

<sup>6</sup> Outras obras cuja análise não coube nos limites deste estudo, apesar da pertinência do tratamento do tema, são: NEWMAN, Lesléa (2000). *Heather has two mommies*, 2nd ed., Los Angeles: Alyson Wonderland Book (ilustrações de Diana Souza); SETTERINGTON, Ken (2004). *Mom and Mum are getting married!*, Toronto: Second Story Press (ilustrações de Alice Priestley); CONSIDINE, Kaitlyn (2005). *Emma and Meesha My Boy – a two mom story*, edição de autor (ilustrações de Binny Hobbs); BRYAN, Jennifer (2006). *The different dragon*, Ridley Park: Two lives Publishing (ilustrações de Danamarie Hosler); BRANNEN, Sarah (2008). *Uncle's Bob wedding*, New York: The Penguin Book; ALAOUI, Latifa (2002). *Marius*, Lachaux: L'atelier du poisson soluble (ilustrações de Stéphane Poulin).



capaz de suscitar atitudes de aceitação e integração da diferença, quer esta se radique no domínio do comportamento sexual ou em qualquer outro. Situando-se quer no âmbito dos estudos de minorias, quer nos de gênero, com maior ou menor vontade interventiva, estas reflexões têm em comum a chamada de atenção para um universo literário que, como o tema em causa, ainda aguarda verdadeira legitimação.

Uma análise, mesmo superficial, de muitas dezenas de obras publicadas em diferentes países a propósito desta questão permite concluir acerca do interesse crescente, visível também no número de títulos editados, pela matéria, ao mesmo tempo que permite concluir como a representação da homossexualidade foi evoluindo e ganhando um relevo determinante, quer ao nível da centralidade da intriga, quer pela presença, cada vez mais numerosa, de personagens homossexuais. É, pois, possível encontrar todos os tipos de famílias e de crianças (às vezes de animais) que se confrontam, de forma mais ou menos problemática, com a situação da vivência homossexual que passa a fazer parte do seu quotidiano.

De entre o vasto<sup>7</sup> panorama literário estrangeiro disponível, escolhemos alguns títulos incontornáveis, alguns premiados e presentes em várias selecções disponíveis sobre o tema, aconselhados por professores, educadores e bibliotecários.

É o caso do álbum narrativo, de origem holandesa, *King & King* (2000), ao qual, entretanto, se veio juntar uma sequência, *King & King & Family* (2004), da autoria conjunta de Linda de Haan e Stern Nijland. De elevada qualidade literária e estética, também em resultado da atenção dispensada à componente pictórica, que combina desenho, pintura, recorte e colagem de diferentes materiais, criando uma singular e original sugestão de volumetria e de dinamismo, ao mesmo tempo que potencia a dimensão humorística do texto, o primeiro volume, inspirado na herança dos contos de fadas, coloca em cena um príncipe herdeiro que, apesar de fortemente instigado pelos pais, não consegue encontrar uma princesa que lhe agrade. A narrativa apresenta um desfile de várias candidatas possíveis que, sem sucesso, procuram agradar-lhe. Prestes a desistir, o candidato ao trono recebe uma última princesa e apaixonar-se à primeira vista não por ela, mas pelo irmão que a acompanha. O

---

<sup>7</sup> Outras obras cuja análise não coube nos limites deste estudo, apesar da pertinência do tratamento do tema, são: NEWMAN, Lesléa (2000). *Heather has two mommies*, 2nd ed., Los Angeles: Alyson Wonderland Book (ilustrações de Diana Souza); SETTERINGTON, Ken (2004). *Mom and Mum are getting married!*, Toronto: Second Story Press (ilustrações de Alice Priestley); CONSIDINE, Kaitlyn (2005). *Emma and Meesha My Boy – a two mom story*, edição de autor (ilustrações de Binny Hobbs); BRYAN, Jennifer (2006). *The different dragon*, Ridley Park: Two lives Publishing (ilustrações de Danamarie Hosler); BRANNEN, Sarah (2008). *Uncle's Bob wedding*, New York: The Penguin Book; ALAOUI, Latifa (2002). *Marius, Lachaux: L'atelier du poisson soluble* (ilustrações de Stéphane Poulin).

casamento entre ambos ocorre na dupla página seguinte, com a rainha a chorar comovida com a felicidade de ambos. Numa réplica do modelo tradicional, a narrativa encerra com o tradicional “viveram felizes para sempre”, naturalizando uma resolução que, apesar de inusitada, resolve pacificamente o problema e reinstaura a ordem e o equilíbrio de forma lógica e aceitável por parte dos leitores.

O segundo volume acompanha os protagonistas no momento imediatamente a seguir ao casamento, em plena lua-de-mel numa selva repleta de animais exóticos. Durante os passeios, o casal não só observa muitas espécies nos respectivos habitats, como constata os laços afectivos que unem as famílias das várias espécies observadas. Além disso, o texto e as ilustrações apresentam vários indícios que sugerem a presença de alguém ou algo desconhecido que os segue. O mistério, contudo, só é revelado à chegada a casa, quando abrem a mala e dela sai uma criança que, incógnita, os acompanhou desde o início – e de cuja presença as imagens foram dando conta –, e que, depois de resolvidas as questões legais, é finalmente adoptada por ambos e convertida em Princesa Daisy. De estrutura muito simples, as narrativas tiram partido da capacidade de inferência dos leitores no preenchimento dos espaços em branco interpretativos que incluem. Combinando a dimensão afectiva, que une, de forma indelével, as personagens, com outra humorística, que explora o cómico de situação e de personagem, sem recurso à moralização ou ao didactismo maniqueísta, o álbum cumpre a missão de divertir e entreter, formar e sensibilizar, postulando, implicitamente, uma visão mais matizada e diversa do mundo e dos outros.

Em 2005, veio a lume uma obra particularmente bem conseguida e bem acolhida pela crítica, pela forma subtil e afectuosa como toca a questão das famílias homoparentais. De fundo verídico, uma vez que a narrativa se baseia em factos reais, conforme explica o paratexto final, o livro narra a história de um casal de pinguins machos a quem, depois de anos de vida em comum, é dada a possibilidade de chocar um ovo e tratar de uma cria. A narrativa descreve todas as fases deste processo, valorizando as conquistas e as alegrias, sublinhando a existência de profundos laços afectivos que unem as personagens e a forma dedicada como o casal cria o seu filho, tornando-se no centro das atenções de todos os que visitam o Zoo do Central Park, em Nova Iorque. Num registo simples e objectivo, a narrativa recria uma história de animais que, pelas suas características, sugere evidentes analogias com a realidade humana. A organização dos animais por espécies e em famílias, tal como é apresentada no início e no fim do livro, promove a identificação dos leitores com as situações recriadas, criando empatia imediata com os protagonistas e com a sua ambição de serem pais. O final feliz e o sucesso de Roy e de Silo como pais permitem convocar afinida-

des que partilham todas as famílias (de pinguins, animais e humanas) onde o afecto e a união são capazes de se sobrepor às diferenças e idiosincrasias individuais.

No universo literário português, os dois últimos anos oferecem um conjunto significativo de exemplos que merecem análise e que corroboram a ideia de que a temática em causa passou a conhecer um olhar mais atento, tanto por parte de autores, como de editores e críticos, saindo, também ela, lenta mas gradualmente, do armário onde se encontra encerrada.

Em 2007, a edição de *A Princesa que queria ser Rei*, de Sara Monteiro e ilustrações de Pedro Serapicos, sem abordar a temática da homossexualidade, propõe uma reflexão incomum sobre a questão dos géneros, debatendo a problemática dos estereótipos e dos papéis social e sexualmente predeterminados. Com a ambiência de um conto de fadas, esta narrativa subverte os elementos tradicionais, propondo, como protagonista, uma princesa que se assume física e comportamentalmente diferente, não aceitando os fortes constrangimentos familiares, culturais e sociais que lhe são impostos. A sua afirmação individual reside na aceitação da sua condição particular, marcada pela diferença, da qual resulta, igualmente, uma certa estranheza não totalmente destituída de exotismo. O cabelo negro exuberantemente espesso, longo e indomável, é, a par do buço igualmente pronunciado, o traço físico que a distingue e assinala a sua condição excêntrica, em evidente colisão com os estereótipos do género feminino. Esta é, aliás, uma questão central ao longo de toda a narrativa, alvo de reflexão e de interrogação por parte de todos, incluindo a heroína e os seus pais. A definição da «feminilidade» e das características «femininas» socialmente codificadas chocam com a personalidade e a aparência de uma princesa, voluntariosa e afável, que valoriza o desporto e a actividade física intensa, que não se submete à vontade dos outros, que pensa por si própria e que exprime fortes desejos de mudar o mundo que a rodeia. A assumpção de características e qualidades tidas como masculinas, metaforizadas nos pêlos abundantes, fazem perceber como o questionamento da definição essencialista dos géneros é central numa narrativa onde se problematiza também a aceitação da diferença e o respeito pela dignidade individual. Os epítetos pelos quais a heroína é popularmente conhecida, como é o caso de «Princesa Cavalona» ou «Princesa Peluda», são a prova da ignorância intolerante de que é alvo, condenando-a à solidão e ao isolamento e, em última instância, expulsando-a da sua família e do seu reino, incapaz de corresponder às suas irreais expectativas. Repetidos quase como um refrão, são a resposta da mãe às dúvidas do pai sobre a feminilidade da filha, sublinhando também o dilema existencial em que vive. Esse conflito agrava-se consideravelmente depois da partida da filha e da certeza íntima de que fora ela a salvá-lo (e ao reino) de uma invasão inimiga. O regresso da hero-

ína, em jeito de revelação apoteótica, significa não só a sua aceitação, pela família e pelo reino, mas o reconhecimento unânime pelos serviços prestados. A sua consagração, com a entrega do trono, reside também no facto de a heroína ter assegurado a descendência e continuidade da linhagem, fazendo-se acompanhar de um bebé recém-nascido, cujo sexo ainda desconhece, dando novas provas da sua singularidade. Este facto, funcionando como epílogo da narrativa, é revelador da superação dos estereótipos de género que marcaram a princesa durante toda a vida, funcionando como símbolo libertador da mulher e da sua sucessão. Curiosamente, não deixa de ser curioso que a afirmação da mulher se dê num campo tradicionalmente masculino, quer seja no exercício da guerra quer do poder, criando, por contraste, um paradigma de comportamento alternativo. A literatura tradicional, inclusivamente a vocacionada para o público infantil, conhece, desde há muito, este motivo, vulgarmente conhecido como «A Donzela Guerreira», alvo de recriações em diferentes línguas e culturas, para além da ocidental, exprimindo uma espécie de universal anseio feminino de libertação.

No âmbito da tradução de obras estrangeiras, destaquem-se, em 2007, duas edições cuja publicação foi apoiada pela ILGA<sup>8</sup> (Associação Internacional de Gays e Lésbicas), mais concretamente as obras *De onde venho?*, de Javier Termenón Delgado e *Por quem me apaixonarei?*, de Wieland Pena e ilustrações de Roberto Maján. Destaque-se, desde logo, a opção pelas frases interrogativas em ambos os títulos, insinuando, desde este paratexto inicial, a postura indagativa e a criação de expectativas e de hipóteses interpretativas que a leitura permitirá (ou não) confirmar.

Álbum de formato reduzido, *De onde venho?* constitui uma reflexão tão pertinente quanto actual sobre o nascimento e a origem da vida, assim como sobre os afectos que ligam a criança ao contexto interpessoal que a rodeia. Narrada em primeira pessoa por uma voz assumidamente infantil, a história gira em torno das questões que a narradora coloca sobre as suas origens, ao mesmo tempo que dá conta dos afectos que a ligam às

---

<sup>8</sup> Fora do âmbito literário, mas ainda assim no domínio do livro infantil, vejam-se duas edições de livros de colorir, publicadas pela ILGA em parceria com outras associações. Em 2002, da autoria de Simão Mateus (texto e imagens), este livro responde a questões relevantes e pertinentes, com o objectivo de desmistificar preconceitos e ideias feitas sobre as relações homossexuais. Já em 2009, e com grafismo melhorado, veio a lume *Era uma vez... as famílias*, com ilustrações de Isabel Blanco González. Para além das imagens para colorir, com representações de diferentes tipos de famílias, a brochura distingue-se pelo paratexto final, onde surge um apelo à aceitação, integração e valorização da diversidade familiar, incluindo notas e sugestões, destinadas especialmente a pais, encarregados de educação e professores, que primam pela clareza e pela exequibilidade.

suas duas mães, Ana e Carlota. Depois de passar em revista todas as «teses» possíveis sobre o nascimento das crianças, a protagonista escolhe a sua própria versão, aquela que melhor a ajuda a compreender o seu lugar no mundo e a conotar de forma positiva a sua existência. As ilustrações, com recurso ao recorte e à colagem, desenvolvem as várias pistas que se encontram disseminadas pelo texto, recriando, com humor, as diferentes hipóteses colocadas para explicar o nascimento. A presença de um casal homossexual feminino, as duas mães da narradora, é tomada como perfeitamente aceitável, não suscitando a necessidade de explicações legitimantes. Além disso, o texto deixa ainda em aberto a possibilidade de a criança que narra a história ser adoptada, valorizando, implicitamente, a tese da afectividade em detrimento do imperativo biológico para explicar a maternidade e os laços que ela cria entre adultos e crianças.

Num formato em tudo semelhante ao anterior, *Por quem me apaixonarei?* questiona, novamente a partir do ponto de vista infantil, assumidamente ingénuo e sem preconceitos, a ideia do nascimento do amor e da paixão. Após um diálogo com o professor de Português, os dois protagonistas dão asas à sua imaginação e procuram descobrir como e por quem se irão apaixonar no futuro. A busca de afinidades leva-os a percorrer os caminhos da amizade, da proximidade de gostos e, implicitamente, da afeição homoerótica, uma vez que não são colocados quaisquer obstáculos de género ao aprofundamento dos seus afectos. Apelando a uma atitude integradora, o livro constitui, sobretudo, uma afirmação da individualidade humana e da preservação da sua inalienável liberdade. As ilustrações, que acusam alguma influência cubista, recriam, com subtilidade, algumas das ideias avançadas pelos protagonistas, explorando a variação cromática e o jogo com formas e volumes mais ou menos fixos.

No texto de apresentação destes dois volumes, Miguel Vale de Almeida exprime, por um lado, o pioneirismo da edição, mas também os seus pressupostos em termos da promoção da alteração das mentalidades e da defesa de uma cultura de inclusão, também do ponto de vista sexual): «Pois bem, os autores destes livros aceitaram o desafio. E agora? Querem mesmo mudar as mentalidades? Nós queremos. E queremos estórias que estejam de acordo com a História. Que estejam em sintonia com o mundo que temos e não com um mundo que imaginamos ter havido em tempos, o mundo dos contos de fadas transformados em contos de bruxas. E queremos que estejam em sintonia com o mundo que desejamos, um mundo onde se acrescenta felicidade (...), sem se retirar felicidade a ninguém. Estes dois livros são uma primeira semente em Portugal e por isso estamos imensamente agradecidos aos autores e aos editores» (Almeida, 2007: 6). Na cobertura jornalística dada, na altura, a este lançamento, Andreia Sanches assina um artigo interessante no *Público*, no

qual não se esquece de referir a situação nos Estados-Unidos, onde, apesar da abundância de edições sobre esta temática, as polémicas são frequentes conduzindo à proibição de vários livros (Sanches, 2007).

Já em 2008, com a chancela da OQO, veio a lume o álbum *Titiritesa*, de Xerardo Quintiá e ilustrações de Maurizio A. C. Quarello. Partindo da estrutura tradicional dos contos de fadas, e até de alguns dos seus motivos mais recorrentes (o rapto da princesa pelo monstro; a viagem e a tarefa a realizar; o regresso e o reconhecimento do herói – neste caso a heroína; os adjuvantes e oponentes na realização da prova, etc.), os autores constroem toda uma narrativa alternativa, claramente subversiva e antidogmática, onde os elementos mais estereotipados são alvo de um processo de desconstrução. Assim, uma história de princesas permite, para além de inúmeros jogos conceptuais e verbais muito ao gosto anglo-saxónico, o tratamento da questão da homossexualidade feminina, colocando duas princesas no centro da intriga e descrevendo, em tonalidade lírica, o crescimento da atracção mútua entre elas. A aceitação por parte de todos, incluindo a família mais próxima, mesmo depois de uma breve surpresa, desmistifica o tema e a situação proposta, apresentando-a como verosímil e natural no quadro de ideias sugeridas pelo texto. As ilustrações, ao estilo de Maurizio A.C. Quarello, reflectem o cariz inovador do álbum, propondo uma leitura complementar da realidade ficcionalizada. Com inúmeros pormenores a exigirem observação atenta, acentuam também o lado subversivo e a vertente do sem-sentido do livro, além de manifestarem uma elevada qualidade plástica.

Mas foi, sem dúvida, a edição de *O Livro do Pedro* (2008), álbum da autoria de Manuela Bacelar, que fez incidir luz sobre esta questão, chamando a atenção para o tratamento do tema no universo da literatura infantil portuguesa e dando mesmo lugar a alguma reflexão que ocorreu em textos de imprensa e em vários blogues, suscitando comentários muito variados, quase todos saudando a qualidade da edição e a forma como o livro proporciona o contacto com uma realidade diferente da habitual, mas crescentemente familiar.

Rodeada de alguma expectativa, pela novidade do tema tratado, à publicação deste álbum parece encontrar-se subjacente a convicção de que não há temas proscritos da literatura para a infância, ainda que a questão da homossexualidade seja tematizada com especial subtilidade, passando quase despercebida, uma vez que a questão central é a da defesa incondicional dos afectos. A família, mais ou menos tradicional, parece ser o núcleo responsável pela segurança da criança, colaborando no seu crescimento saudável, tanto do ponto de vista físico como emocional. No caso de Maria, a protagonista do livro de Manuela Bacelar (e também do livro dentro deste, realizado por Pedro), a sua família, constituída por dois pais, foi essencial para o seu desenvolvimento equilibrado e marcou-a profunda-

mente, de tal modo que procura, com os seus filhos biológicos, recuperar esses laços e as rotinas estruturantes. O acto repetido de contar a sua história, capturada por um dos seus pais durante um ano da sua vida e transformada em livro pessoal, crónica de um tempo claramente luminoso, leva Maria a perpetuar e a ritualizar, junto da filha, as memórias da sua infância e da sua família nuclear de adopção, assim como a alargada, composta por duas avós (uma na cidade e outra na aldeia), pelos primos, à qual se vêm juntar os amigos da escola. O livro do Pedro conta, afinal, a história da Maria, filha adoptiva de um casal de homossexuais, reconstituindo, com recurso ao desenho e à escrita, o seu processo de crescimento, as suas experiências fundadoras, os rituais que caracterizavam o seu dia-a-dia, nomeadamente a partilha da experiência musical, tão cara a Manuela Bacelar, a leitura diária de histórias, os passeios ao ar livre no fim de semana, as brincadeiras com os amigos e as noites passadas fora, a partilha das tarefas domésticas, a festa de aniversário, o piquenique e as surpresas, fortalecendo os laços afectivos que a unem aos progenitores. Claramente eufórica, esta descrição não só enfatiza a qualidade relacional da família apresentada, como a valoriza aos olhos dos leitores, uma vez que a diferença, a existir, não reside, neste caso, nas orientações sexuais de Pedro e Paulo, mas na felicidade que caracteriza os seus dias e no afecto que partilham com Maria. Veja-se, ainda, como no final, já com Maria adulta e prestes a ser mãe pela segunda vez, Pedro e Paulo a visitam, tomam conta da neta durante a estadia da mãe na Maternidade e repetem, mais uma vez, todos os gestos de afecto que tinham já experimentado com Maria, numa espécie de deliberada perpetuação de um projecto de felicidade.

Construída narrativamente segundo o modelo encaixado, isto é, de um livro dentro de outro, a publicação de Manuela Bacelar distingue visual e graficamente ambos os níveis narrativos, estabelecendo diferenças claras entre eles e demarcando-os com recurso ao tipo de letra (cursivo para a narrativa encaixada e itálico para a principal), às ilustrações e às opções cromáticas (imagens coloridas, mais trabalhadas e mais pormenorizadas para recriar as imagens feitas por Pedro, na metadiegeese, e imagens mais simples, delineadas a carvão e levemente contornadas e coloridas a preto, cinzento e vermelho, para a narrativa principal) e textura e cor dos fundos de página (brancos para a encaixada, levemente coloridos e texturados para a principal).

A ilustração sublinha, por isso, ao jeito de Manuela Bacelar, a profunda matriz afectiva que permeia o texto, completando-o e recriando as personagens, os locais e ambientes onde se movem de forma expressiva, em plena sintonia com as sugestões fornecidas pelo texto.

No final de 2008, Sónia Pessoa edita *Ser diferente é ser bom* (2008), uma narrativa ilustrada que, como o título indicia, toca a questão da diferença, dando conta não só da

existência de diferentes tipologias de convivência familiar, incluindo a da Maria composta por dois pais, mas também a linguística e cultural, a propósito da questão da imigração e da inclusão, na comunidade escolar, de alunos oriundos de diferentes países. Mais de cariz pedagógico do que literário, pela forma como explicitamente procura orientar atitudes e valores saudáveis (hábitos de higiene, de boa alimentação, entre outros), o livro inclui um prefácio da autoria de Gabriela Moita, psicóloga e investigadora, que, no âmbito do seu Doutoramento, elaborou uma tese intitulada «Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: A homossexualidade de dois lados do espelho». Neste paratexto, a investigadora não só saúda a pertinência do tratamento da questão da homossexualidade, como, sobretudo, sublinha a importância da diversificação de modelos de afectividade com os quais as crianças interagem, em virtude de as mudanças sociais e culturais sentidas nos últimos anos ainda não serem convenientemente acompanhadas pelos materiais lúdicos que colaboram na socialização da criança, com particular destaque para os livros, os filmes, os brinquedos e os jogos. Marcados, simultaneamente, por um conservadorismo e por uma uniformidade nas estruturas familiares que apresentam, estes objectos não só não reflectem a pluralidade e a infinita diversidade das estruturas familiares contemporâneas, como não promovem uma cultura de aprendizagem das diferenças, em resultado de um convívio próximo com essas realidades.

E, contudo, em sentido menos literal e mais simbólico, podemos verificar que a questão da diferença, da sua aceitação, integração e até valorização, sempre esteve presente no universo da produção literária de potencial recepção infantil. O conto de H. C. Andersen, *O Patinho Feio*, funciona, em grande medida, como uma narrativa arquetípica relativa ao dilema existencial provocado pela dolorosa consciência da diferença, de que resulta a rejeição por parte dos outros. Manuela Bacelar, por exemplo, recria exemplarmente esses sentimentos de inadaptação em resultado da diferença em relação aos demais elementos da espécie em *Bernardino* (2005). Protagonizada por uma cria de leão, a história, sob a aparência de fábula ou conto de animais, revela-se uma narrativa sobre a complexidade da vida, constituindo um apelo à abertura perante a dissemelhança e a individualidade da personalidade humana. Os animais e as narrativas por eles protagonizadas têm servido, melhor do que qualquer outro subgénero, para recriar com especial subtilidade as tensões geradas pela erupção da diferença no seio de um grupo. Assumindo diferentes formas, corpo-



rizando diversas espécies (veja-se o caso, igualmente paradigmático, de *Os Ovos Misteriosos*<sup>9</sup> (1994), álbum narrativo de Luísa Ducla Soares com ilustrações de Manuela Bacelar, assim como a colectânea de contos de Ricardo Alberty, *A Galinha Verde* (1979), especialmente a narrativa que empresta o título ao livro), os animais, pela diversidade que os caracteriza, constituem eloquentes metáforas da realidade humana, promovendo a identificação dos leitores com as situações, nomeadamente as de rejeição, retratadas. Neste domínio, veja-se, igualmente, o caso da fábula versificada, da autoria de Ana Luísa Amaral, sobre o comportamento desviante de uma aranha, em *A Aranha Leopoldina* (2000). Trata-se de um texto que questiona os «papéis» socialmente fixados e pré-estabelecidos, pondo em acção uma personagem-heroína que contraria as regras sociais e familiares e assume publicamente a sua diferença, conhecendo a rejeição por parte de todos, incluindo a família. A intriga resolve-se de forma positiva pela aceitação da diferença da protagonista, que acaba por ser valorizada e exaltada. A estranheza da heroína define a sua singularidade enquanto personagem que se furta a comportamentos tipificados e próprios da sua espécie. Assim, para além da recusa em «fazer teia» e da substituição desta actividade pela de «fazer meia», ocorre, ainda, uma alteração ao nível dos hábitos alimentares característicos das aranhas. A opção por ser vegetariana também a distingue das outras da mesma espécie, gerando a incompreensão da mãe, da família e das amigas em relação ao seu comportamento. A conclusão do trabalho «escondido», que encerra a narrativa, altera profundamente a imagem da aranha Leopoldina junto do grupo a que pertence, deixando de ser alvo de críticas e passando a receber elogios. De cariz fortemente metafórico, este texto potencia diferentes níveis de leitura, permitindo, de forma mais ou menos evidente, uma aproximação à questão das diferenças comportamentais que estamos a analisar.

A abertura a novos temas e, em particular, à questão da homossexualidade, que tem marcado as últimas décadas (no caso português, os últimos anos), parece resultar de uma atenção às sociedades e à sua metamorfose, valorizando comportamentos integradores em relação às múltiplas diferenças: étnicas e raciais, éticas e religiosas, afectivas e sexuais. A tematização da questão homossexual, no universo da literatura de potencial infantil, não se enquadra, como os exemplos em análise permitem perceber, numa linha apologética

---

<sup>9</sup> Em *Os Ovos Misteriosos* (1994), acompanhamos o amor incondicional de uma mãe galinha em relação à sua estranha ninhada composta por um papagaio, uma serpente, uma avestruz, um crocodilo e apenas um pinto. Apesar das dificuldades para criar filhos de hábitos e comportamentos diferentes e surda aos conselhos das amigas de abandonar filhos tão insólitos, cuida de todos com afecto, despertando neles sentimentos de protecção mútua. A afinidade familiar sobrepõe-se às diferenças que acabam por ser conotadas positivamente.

ou propagandística de celebração da homoafectividade. Trata-se, antes, de legitimar, desmistificando, um modelo possível de relação interpessoal, naturalizando-o, para além dos estereótipos demeritórios em que se encontra enredado. Trata-se também de demonstrar as múltiplas faces do afecto, pluralizando experiências e, numa óptica ideal, prevenindo comportamentos homofóbicos no futuro.

Difundindo percursos vitais e familiares plurifacetados, multiculturais, heterogéneos e, para alguns, heterodoxos, o *corpus* contemporâneo da literatura de potencial recepção infantil interroga o conceito de género, permitindo percebê-lo enquanto resultado de um coercivo processo de modelação social que transforma a diferença biológica entre masculino e feminino numa distinção de cariz cultural (Consol, 2007), ao mesmo tempo que promove, enquanto elemento de fundação de identidade e de configuração de uma certa visão do mundo, uma transformação do imaginário e dos modelos e convenções que o regulam, ampliando a capacidade de os leitores lerem o mundo e, desejavelmente, conseguirem mudá-lo.

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia activa

- ALAOUI, Latifa (2002). *Marius*. Lachaux: L'atelier du poisson soluble (ilustrações de Stéphane Poulin).
- BACELAR, Manuela (2008). *O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*. Porto: Afrontamento.
- BRANNEN, Sarah (2008). *Uncle's Bob wedding*. New York: The Penguin Book
- BRYAN, Jennifer (2006). *The different dragon*. Ridley Park: Two lives Publishing (ilustrações de Danamarie Hosler).
- COLE, Babette (2003). *A Mamã nunca me disse!*. Lisboa: Terramar.
- CONSIDINE, Kaitlyn (2005). *Emma and Meesha My Boy – a two mom story*. edição de autor (ilustrações de Binny Hobbs).
- DELGADO, Javier Termenón (2007). *De onde venho?*. sem local: ILGA/eraseunavez.com.
- ERLBRUCH, Wolf (2002). *O Mistério do Urso*. Montemor-o-novo: A Cobra Laranja.
- HAAN, Linda de e NIJLAND, Stern (2000). *King & King*. Berkeley/Toronto: Tricycle Press
- HAAN, Linda de e NIJLAND, Stern (2004). *King & King & Family*. Berkeley/Toronto: Tricycle Press
- MANUSHKIN, Fran (2008). *O Bebê*. Lisboa: Sá da Costa (ilustrações de Ronald Himler).
- MONTEIRO, Sara (2007). *A princesa que queria ser Rei*. Porto: Ambar (ilustrações de Pedro Serapicos).
- NEWMAN, Lesléa (2000). *Heather has two mommies*. 2nd ed., Los Angeles: Alyson Wonderland Book (ilustrações de Diana Souza).
- PARR, Todd (2006). *O Livro da Família*. Gaia: Gailivro.
- PENA, Wieland (2007). *Por quem me apaixonarei?*. sem local: ILGA/eraseunavez.com (ilustrações de Roberto Maján).
- PESSOA, Sónia (2008). *Ser diferente é bom*. Lisboa: Papiro Editora (ilustrações de Carla Carvalho)

- QUINTIÁ, Xerardo (2008). *Titiritesa*. Pontevedra: OQO (ilustrações de Maurizio A. C. Quarello).
- RICHARDSON, Justin e PARNELL, Peter (2005). *And Tango Makes Three*. New York: Simon & Schuster Books for Young Readers (ilustrações de Henry Cole).
- SALDANHA, Ana (2007). *Mais ou Menos Meio Metro*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Gémeo Luís).
- SETTINGINGTON, Ken (2004). *Mom and Mum are getting married!*. Toronto: Second Story Press (ilustrações de Alice Priestley).
- TABORDA, Ilda *et alii* (2004). *O Que É um Homem Sexual?*. Porto: Colégio Primeiros Passos (ilustrações de Gémeo Luís).

### Bibliografia passiva

- AGUILAR, Consol (2007). «Del discurso de la domesticidad a la cultura queer en la literatura infantil y juvenil», *¿Todas las mujeres podemos?: Género, desarrollo y multiculturalidad - Actas del III Congreso Estatal FIO sobre igualdad entre mujeres y hombres*. Fundación Isonomía para la Igualdad de Oportunidades. Universitat Jaume I, 62-69.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (2007). «De vez. Apresentação dos livros infantis “De Onde Venho?” e “Por Quem Me Apaixonarei?”». Texto de apresentação dos livros na Livraria Bulhosa (Entre Campos), Lisboa, 15 de Dezembro de 2007 (disponível em <http://site.miguelvaldealmeida.net/wp-content/uploads/2007/12/de-vez.pdf>)
- CART, Michael e JENKINS, Christine A. (2006). *The Heart Has Its Reasons: Young Adult Literature with Gay/Lesbian/Queer Content 1969-2004 (Scarecrow Studies in Young Adult Literature)*. Lanham: Scarecrow Press.
- CLYDE, Laurel A. e LOBBAN, Marjorie (2000). *Out of the Closet and Into the Classroom: Homosexuality in Books for Young People*. Melbourne: D.W. Thorpe.
- COLOMER, Teresa (2008). «La educación sentimental en los álbumes infantiles actuales». In VIANA, Fernanda Leopoldina, COQUET, Eduarda, MARTINS, Marta. *Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração (Braga: Universidade do Minho, Outubro 2006)*. Braga: Universidade do Minho, 88-97.
- DAY, Frances Ann (2000). *Lesbian and Gay Voices: An Annotated Bibliography and Guide to Literature for Children and Young Adults*. Westport: Greenwood Press.
- FACCO, Lúcia (2008). «Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil», excerto de uma tese de Doutoramento apresentada à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, disponível em *Dubito Ergo Sum – Páginas de Teoria da Literatura* [<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a187.htm>].
- GARRALÓN, Ana (2000). «Y para el verano... un poco de sexo», *Educación y Biblioteca N° 114; Madrid, julio-agosto 2000*. [também disponível em <http://www.imaginaría.com.ar/04/4/sexo.htm>].
- LAGE FERNÁNDEZ, Juan José (1999). «Erotismo y sexo en la Literatura infantil y juvenil (LIJ)». *CLIJ 116*, mayo 1999, 18-26.
- MIRANDA, Adelaide Calhman de (2007). «Aprendendo gênero: diversidade sexual e teoria *queer* na literatura infantil», comunicação apresentada no Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania LGBTTT, Universidade Federal de Santa Catarina, 6 e 7 de Setembro de 2007 [texto inédito gentilmente cedido pela autora].

- MORA, Luisa (1996). «El sexo en la literatura infantil y juvenil: unas notas para la reflexión». *Educación y Biblioteca* 69; Madrid, junio 1996, 45-47.
- PÉREZ IGLESIAS, Javier (1997). «Acabar con el silencio y el miedo: libros para jóvenes gays y lesbianas». *Educación y Biblioteca* 81; Madrid, julio-agosto 1997. 26-27.
- RAMOS, Ana Margarida (2007). *Livros de Palmo e Meio. Reflexões sobre Literatura para a Infância*. Lisboa: Caminho.
- ROSSI, Carolina (s/ data). «Una doble otredad: la homosexualidad en la literatura infantil y juvenil», trabalho inédito realizado no âmbito da primeira edição do Máster en libros y en literatura, Universidad de Barcelona [texto gentilmente cedido pela autora].
- SANCHES, Andreia (2007). «A menina desta história tem duas mães». P2 (suplemento do jornal *Público*), 15 de Dezembro de 2007, 12-13.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da (2007). «A literatura infanto-juvenil e a homossexualidade», Revista Socio-Poética "O Uno e o Diverso" 2, Julho a Dezembro de 2007, Universidade Estadual da Paraíba, 121-128.
- SILVA, Luciano Ferreira da (2006). *Vozes de um desejo: homoerotismo e homosociabilidade na literatura infanto-juvenil brasileira*. Tese de Doutoramento em Teoria da Literatura apresentada à Universidade Federal de Pernambuco [texto policopiado].
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel Silveira (2003). «Nas Tramas da Literatura Infantil: Olhares sobre Personagens "Diferentes"». Comunicação apresentada no II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais: Identidade, Diferença e Mediações, Universidade Federal de Santa Catarina, 8 a 11 de Abril de 2003, texto disponível em <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/287-of5a-st1.pdf>.
- SPENCE A. (2000). «Controversial books in the public library: A comparative survey of holdings of gay-related children's picture books». *The Library quarterly*, 2000, 70, 3, Chicago: University of Chicago Press, 335-379.

## RESUMO:

Pretende-se, neste estudo, dar conta das representações da homossexualidade (e temas relacionados) num *corpus* de textos literários destinados à infância, com especial ênfase no álbum ilustrado para pré-leitores e leitores iniciais. Recriando diferentes modelos familiares, estas obras buscam a aceitação e a inclusão da diferença, valorizando a componente afectiva das relações interpessoais e questionando preconceitos e comportamentos homofóbicos.

## ABSTRACT:

It's our purpose to reflect upon the representations of homosexuality (and related issues) in a selection of children's literary texts, especially picture story books for very young readers. Recreating different family models, these books promote the acceptance and inclusion of difference, valuing the affective component of interpersonal relationships and questioning prejudices and homophobic behavior.

